

Um estranho acidente matou o primeiro representante índio a ser eleito vereador.

CRETÂN

um cacique que apostava no futuro

Reportagem e fotos de Haroldo e Flávia de Faria Castro

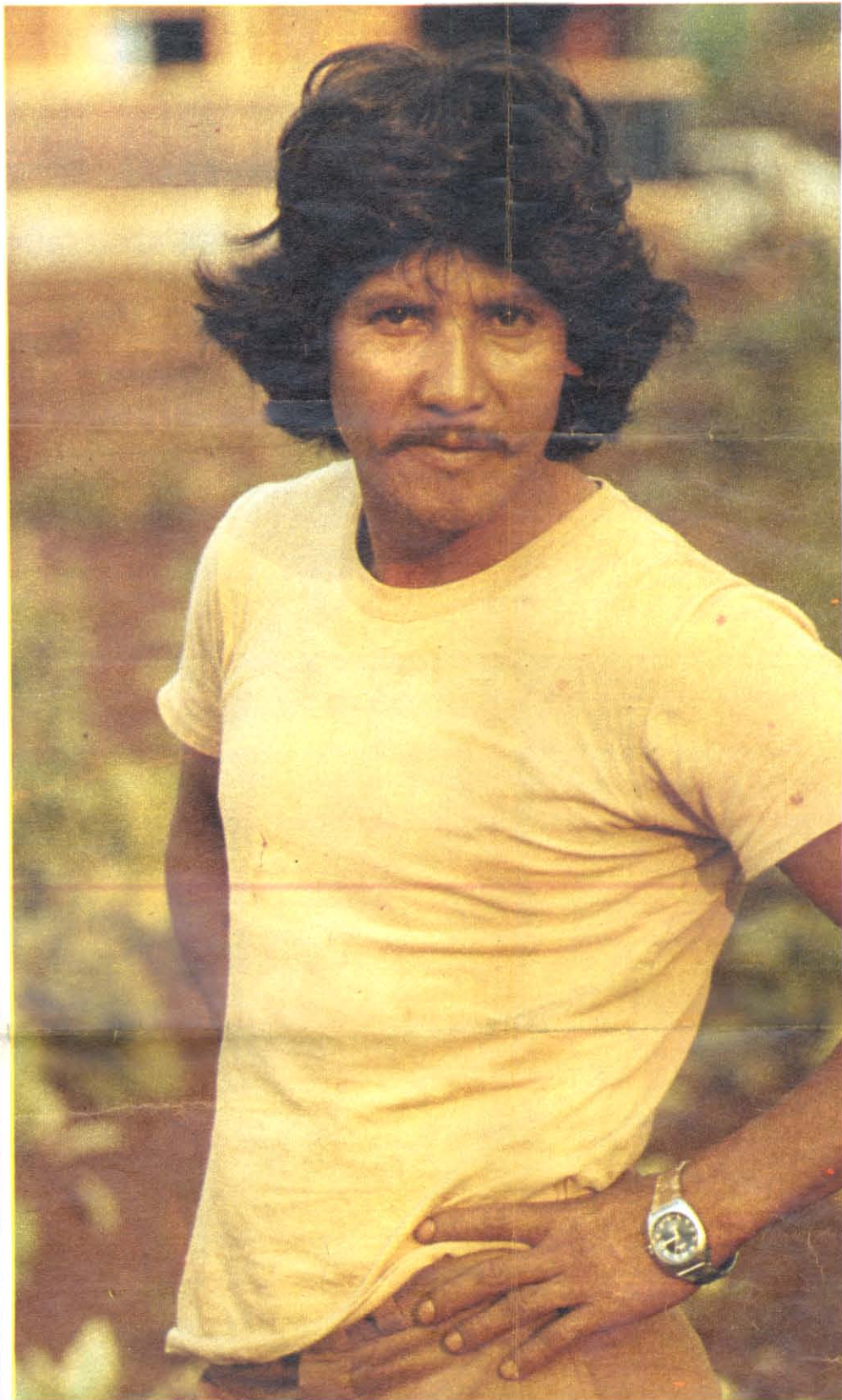


"Estas terras são nossas e nós estamos cansados de esperar. Se a justiça não resolver, nós resolvemos do nosso modo", afirmou ele pouco antes de morrer. Motorizado,



Ângelo Cretán com a esposa e filhos e durante a festa de Natal na região de Mangueirinhas. Ele procurava defender os interesses de seu povo fosse na política ou na agricultura. E acreditava na soja como alimento dos caingangues.

INSTALADO sobre um estrado de madeira, chapéu de palha na cabeça, Ângelo Cretán era o principal animador daquela festa que seria seu último Natal. O conjunto caipira atacou as primeiras músicas e ele abriu o forró com sua mulher, no meio de uma meninada eufórica. Mas o baile durou pouco pois, no dia seguinte, o trabalho começava cedo. O próprio Cretán nos guiou através dos campos de soja. Nem os índios caingangues escaparam à febre deste novo "ouro verde" — que ganhou os campos do sul do país. E, exatamente em torno da terra, giravam seus problemas. "Nossa terra é nossa vida, razão para viver e suficiente causa para morrer." Este pensamento da nação caingangue foi vivenciado por ele até o fim. Pouco depois de nossa visita, Ângelo Cretán sofreria um acidente ainda não totalmente esclarecido. E ele era símbolo de ainda outra frase, esta ouvida de um índio mexicano: "Ser índio não é questão de cor de pele: é um estado de espírito. É viver como um homem livre, respeitar a Natureza, criar, em vez de destruir."



Levou os repórteres às plantações comunitárias de soja. Nem os caingangues escaparam ao "mar verde"; Cretán queria aproveitar as riquezas naturais do solo.